



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO II
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS E ARTES
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

GERLANE GOMES DE SOUSA

ENTRE O MAR E A *MORNA*: A FICÇÃO EM MANUEL LOPES

CAMPINA GRANDE – PB

2011

GERLANE GOMES DE SOUSA

ENTRE O MAR E A *MORNA*: A FICÇÃO EM MANUEL LOPES

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, na área de Literatura e estudos culturais, sob a orientação do Prof.^a Dr.^a Francisca Zuleide Duarte de Souza.

CAMPINA GRANDE – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S725e Sousa, Gerlane Gomes de.
Entre o mar e a morna [manuscrito]: a ficção em
Manuel Lopes / Gerlane Gomes de Sousa. – 2011.
25 f.

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras e Artes com Habilitação em Língua
Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2011.**

“Orientação: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de
Souza, Departamento de Letras e Artes”.

1. Literatura africana. 2. Cabo Verde. 3. Conto. I. Título.
II. Lopes, Manuel.

21. ed. CDD 896

GERLANE GOMES DE SOUSA

Aprovada em: 28 de 11 de 2011

BANCA EXAMINADORA

Francisca Zuleide D. de Souza Nota: 7,5

Profª. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza – UEPB
(Orientadora)

Amarino O. Queiroz Nota: 7,5

Prof. Dr. Amarino Queiroz – UFRN
(Examinador)

Jacklaine de Almeida Silva Nota: 7,5

Profª. Ms. Jacklaine Almeida Silva – UEPB
(Examinadora)

Média: 7,5

*Dedico este trabalho aos meus avós e aos meus pais, que foram sempre os meus maiores
incentivadores.*

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a Deus, por ter me guiado sempre.
- Aos meus pais pelo amor e paciência que sempre tiveram comigo.
- Aos meus irmãos.
- A minha querida orientadora professora Zuleide Duarte, por contribuir com livros e por me abrir a casa, e por me levar a escolher sempre as melhores escolhas, sempre gentil e paciente.
- Aos meus colegas de sala, Isac , Isabele, Lannusse, Rebeca e Gecimara , de quem sentirei muitas saudades.
- Aos examinadores.
- Não poderia esquecer dos meus professores muito obrigado.

Tudo posso naquele que fortalece

Filipenses 4,12.

RESUMO

O presente trabalho é centrado no estudo do conto “Galo cantou na baía”, de 1936, do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes. Abordamos a importância do mar na literatura cabo-verdiana e o retrato dessa literatura, na escrita de Manuel Lopes, a fim de investigar a importância do mar e da morna que são características da cultura cabo-verdiana na sua obra. A partir disso, objetivamos analisar qual o propósito do autor em utilizar os elementos da sua cultura para representarem em sua obra o sentimento do cabo-verdiano e essa ligação entre o mar e a morna como principal temática do conto. Assim, aumentaremos a fortuna crítica da obra de Manuel Lopes tão pouco explorada pela crítica acadêmica.

Palavras-chave: Cabo-Verde, Morna, Manuel Lopes.

ABSTRACT

The present work is based on the study of the short story *Galo cantou na Bahia* (Rooster crowed in Bahia) from the Cape Verdean writer Manoel Lopes. We approached the importance of the sea in Cape Verdean literature and the portrait of this literature in Manuel Lopes' writing, with the aim at exploring the status of the sea and the *morna* which are characteristics of Cape Verdean culture on his work. From this, the objective is to analyze which is the purpose of the author in using the elements of his culture to represent the Cape Verdean feeling, and this relation between the sea and the *morna* as a main short-story thematic. Thus, one will increase the critic fortune from the work of Manuel Lopes so little explored.

Key-word: Cape Verde ,Morna, Sea, Manuel Lopes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
CABO VERDE NO CENÁRIO COLONIAL PORTUGUÊS.....	12
A LITERATURA DE CABO-VERDE.....	12
A INFLUÊNCIA DO MAR NA LITERATURA CABO-VERDIANA.....	15
MANUEL LOPES: O AUTOR, A OBRA.....	16
CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MORNAS.....	18
AS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS EXERCIDAS SOBRE A MORNA.....	19
ANÁLISE DO TEXTO.....	20
A INFLUÊNCIA DO MAR NO CONTO GALO CANTOU BAIA.....	20
O PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS MORNAS.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se de um estudo do conto “Galo cantou na baía”, do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes.

Autor expressivo da literatura de Cabo Verde, Manuel dos Santos Lopes nasceu em 1907, na cidade de São Vicente Cabo Verde. Viveu nos Açores (Faial) e posteriormente em Portugal continental. cursou o ensino secundário, foi funcionário da Western Telegraph. Pintor com várias exposições, foi um leitor entusiasta de escritores brasileiros. Ficcionista, poeta, ensaísta e dramaturgo foi membro do grupo de intelectuais que funda “Clareza¹”, em 1936.

Entre suas principais obras estão *Chuva Brava, 1936; Paul, 1936, São Vicente, Galo cantou na baía* entre outros livros. Coube a Manuel Lopes a distinção de ter publicado a primeira obra moderna cabo-verdiana “Paul”, sendo esta uma breve crônica descritiva, escrita em 1932. Juntamente com Baltazar Lopes fundou a moderna ficção cabo-verdiana.

O conto “Galo Cantou na Baía” relata a história do funcionário público *Toi*, que era guarda da alfândega e mornador². O personagem vivia uma realidade difícil, pois era muito rigoroso e cumpridor da lei em uma ilha escassa de trabalho, sendo que uma das principais atividades da terra era o *contrabando*, praticado pelos moradores da ilha. Mas, quando o assunto era este, *Toi* não levava a pobreza em consideração, pois era muito correto e aplicava a lei a todos. Enquanto o personagem fazia o seu trabalho, no seu posto de guarda, vigiando o porto à beira mar, usava a inspiração que o mar lhe trazia para compor suas mornas³, tendo em vista que eram as mais cantadas e dançadas nos bailes.

Diante da leitura, surgiu o interesse de pesquisar sobre a obra e sua riqueza literária, posto que a obra “Galo cantou na baía” apresenta-se pouco estudada e explorada pela crítica acadêmica.

O conto será analisado enfocando a temática e alguns questionamentos devem ser levantados: Qual é a importância do elemento mar na obra? E qual é a relevância da morna na sua obra?

¹ Revista cabo-verdiana.

² Compositor de mornas expressão musical tipicamente cabo-verdiana .

³ Expressão musical que fala do sentimento cabo-verdiano.

A escolha pela obra se deu quando fui apresentada à literatura africana, no componente curricular Literatura Portuguesa Contemporânea e Literaturas Africanas, ministrado pela professora Francisca Zuleide Duarte de Souza e a partir daí se deu o interesse de pesquisar sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, em especial a literatura de cabo-verde e mais especificamente o escritor Manuel Lopes. É importante destacar que a literatura cabo-verdiana é tão pouco estudada pela crítica acadêmica. Por isso torna-se de extrema importância que se façam estudos ligados a essa literatura para construir uma maior fortuna crítica e com isso criar uma maior visibilidade da literatura cabo-verdiana.

Partindo desse pressuposto, iremos analisar o conto cabo-verdiano “Galo Cantou na Baía”, de Manuel Lopes; a literatura cabo-verdiana; a influência do mar na obra, o papel das mornas na escrita do autor, bem como aspectos da cultura cabo-verdiana no conto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CABO VERDE NO CENÁRIO COLONIAL PORTUGUÊS

O arquipélago de Cabo Verde localiza-se na costa ocidental da África, tem apenas 4.033 km², composta por dez ilhas e cinco ilhéus.

Os portugueses chegaram ao arquipélago em 1456, acredita-se não haver ali nenhum habitante nas ilhas, e pelo fato das ilhas estarem entre a metrópole e as colônias do continente, os navios deixavam negros na maioria das vezes doentes, o que resultou numa variedade lingüística, pois havia varias tribos e vários dialetos.

Uma característica importante do arquipélago é a sua condição climática, a irregularidade da chuva. Em período de seca a população emigra para fugir da seca, da fome; e interessante vemos a semelhança que existe com o sertão brasileiro. Assim, Cabo Verde se denomina como uma nação mestiça.

A LITERATURA DE CABO VERDE

Já em termos culturais podemos verificar que o desenvolvimento das colônias africanas só tem inicio no século 19. Do ponto de vista literário e cultural Cabo Verde tem um desenvolvimento assinalável, como afirma (Duarte, 2007, p. 480):

Cabo Verde que teve associações culturais e recreativas, a exemplo da associação literária do grêmio cabo-verdiano (1880), a sociedade do gabinete de literatura (1860) , teve a instalação de sua imprensa em 1882. No período de 1853 1892, foram fundadas na cidade da praia treze associações recreativas e culturais.

Alguns escritores e poetas cabo-verdianos de origem européia ficaram em Portugal, na maioria das vezes por motivos familiares. Partindo desse pressuposto não se pode afirmar que Cabo Verde tenha uma literatura colonial propriamente dita.

Para Abdala (1987,p.25):

E foi em Lisboa que muitos se fizeram escritores, naturalmente desenraizados da terra onde nasceram, em alguns casos por circunstância acidental, uns tantos acabando por alcançar lugar de prestígio os meios literários lisboetas deixando obras de mérito, como Antónia Gertrudes Pusich (1875-1924), e Henrique de Vasconcelos (1875-1924), Flores Cinzentas (poesia 1893), a Mentira Vital (contos 1895), ambos com vasta obra publicada.

A ficção cabo-verdiana tem início com o romance “O escravo” de 1850, do autor José Evaristo de Almeida, que representa a ação com traços do romantismo, narrativa que tem como tema a escravidão, como as personagens quase em sua totalidade originárias de Cabo Verde.

Já no que diz respeito à questão racial, Cabo Verde por ser um país e maioria mestiça, o cabo-verdiano procurava uma identidade e tiveram uma língua crioula como sua grande arma.

A língua crioula surgiu, quando as ilhas desertas foram povoadas por portugueses e africanos, e a partir dessa condição, dois povos em total desigualdade: os portugueses por serem colonizadores, utilizaram a sua língua para dar as suas instruções, seus pareceres, além disso, os africanos tinham um outro problema, nem todos falavam a mesma língua e também não assimilaram a língua portuguesa, só alguns vocábulos, deste modo se foi processando um novo meio de expressão que no decorrer do tempo viria a designar-se por dialeto crioulo de Cabo Verde.

Com isto é interessante ressaltar a importância da escrita crioula para o cabo-verdiano.

Para Baltazar Lopes:

Se erro muito, o emprego constante do crioulo significa em primeiro lugar, quer, por processo de enriquecimento lentos e subtis, ele está apto a servir em grau elevado de veículo de comunicação entre os homens e, em segundo lugar, que ele está definitivamente integrado no corpo de idéias e sentimentos que formam a nossa personalidade regional. (apud Ferreira, p. 163)

Diferente de outras culturas o cabo-verdiano utiliza como elemento de sua escrita, somente o europeu, ou somente o africano, mas sim o crioulo. A escrita crioula difere de

outras escritas como a de Angola, por exemplo, que nas suas obras a questão racial ganha importância .

Segundo (Duarte, 2007, p 481), “Cabo Verde apresenta uma particularidade no que respeita a literatura: os escritores não se preocupam em fazer referência à cor da pele, pelo fato de sua cultura se basear tanto em valores europeus quanto em africanos”.

Não podíamos falar em literatura cabo-verdiana sem falar de “Claridade”, revista publicada no ano de 1936, que tinha como um dos principais objetivos a valorização da cultura local.

A geração que fundou “claridade” tinha o propósito de valorizar as suas raízes a cultura verdadeiramente cabo-verdiana.

Segundo (Ferreira, 1985, p. 260):

Eis porque Claridade surge também como órgão de cultura e não meramente como revista de letras. De um lado anotações sobre o comportamento do homem crioulo, ensaios de índoles diversas, por outros lados, poemas, contos e peças de natureza literária e artística.

Os *claridosos*, como eram chamados os criadores da revista, sofreram uma grande influência da literatura moderna brasileira, pois esses autores precisavam de modelos metodológicos de como implantar uma literatura devidamente crioula.

Os modernos textos brasileiros ajudaram os jovens intelectuais a mudar a produção literária cabo-verdiana. Os principais autores brasileiros que influenciaram os claridosos foram: o paraibano José Lins do Rego, o baiano Jorge Amado e o pernambucano Manuel Bandeira dentre outros autores brasileiros modernos, que exerceram essa base para uma nova produção literária de Cabo-Verde.

Ainda com relação à influência brasileira na literatura de Cabo Verde é importante observar que os autores brasileiros que influenciaram os claridosos eram principalmente todos da geração de 30.

Assim, (Margarido, 1980, p. 415) afirma:

Isto nos explica, parece-me, a influência que aqui exerce a literatura brasileira dos anos 30. A semelhança do circunstancialismo humano do nordeste, onde a temporalidade havia de assentar-se na mesma base, daria o

sinal: a seca o insulamento, a força opressiva da tradição haviam de fazer o resto.

A partir dessas questões é possível verificar por que a literatura brasileira moderna tem um papel importante na literatura de cabo- verdiana.

A INFLUÊNCIA DO MAR NA LITERATURA DE CABO- VERDIANA

A literatura cabo-verdiana é muito influenciada pelo mar, pois geograficamente Cabo Verde é um arquipélago, sendo os principais acessos à Cabo Verde são realizados pelo mar.

Cabo Verde é virada para o mar então é muito importante considerar que este é o único elemento que o cabo-verdiano tem que recorrer para sobreviver , por falta de condições naturais escassas no arquipélago.

Segundo (Margarido, 1980, p. 414):

Assim, todo o espaço vivencial da prosa cabo-verdiana se dirige para um ente considerado como uma presa e um determinado espaço humano caracterizam em si como uma constante de uma premente fatalidade geográfica.

A literatura cabo-verdiana tem uma forte influência geográfica e ambiental. Alguns escritores de Cabo-Verde mostram em suas obras os conflitos existentes na ilha, como a estiagem, a pobreza, a emigração, o que acarreta dizendo o exílio e mostram em sua literatura o drama do cabo-verdiano que vive na angústia de partir ou permanecer no arquipélago .

O escritor cabo-verdiano tem um sentimento diferente de outros escritores de outras nações: mesmo que tenha imigrado para outros países, conserva os valores culturais do arquipélago: o seu dialeto, a culinária, as suas formas musicais, etc. Esse mesmo sentimento se faz presente na construção literária, ainda que esteja em outro país, o arquipélago é transformado em saudade pelo cabo-verdiano.

Segundo (Margarido, 1980, p.406):

O mar e aqui uma espécie ligação umbilical que não deixa o cabo-verdiano esquecer-se desse fundo típico de cabo-verdianidade . Este estranho sistema capilar liga o mundo a Cabo Verde, e nenhum cabo-verdiano pode considerar-se isolado ou abandonado. Sempre está presente no mesmo influxo, o mesmo sentido, de um mito cabo-verdiano que dificilmente poderá ser aniquilado.

Ou seja, tanto a literatura como a cultura cabo-verdiana são marítimas, pois o mar é o único elemento de fuga que ele pode recorrer para realizar-se, devido à falta de condições naturais que a ilha dispõe.

MANUEL LOPES: O AUTOR , A OBRA.

Poeta, ensaísta, dramaturgo, pintor e ficcionista. Estes são alguns predicados de Manuel Lopes, autor moderno que trouxe com as suas obras uma grande contribuição para a literatura cabo-verdiana, pois em 1936 o escritor, conjuntamente com um grupo de intelectuais, fundaram a revista “claridade”, que tinha como função trazer à tona a identidade de uma literatura cabo-verdiana.

Já no que diz respeito às suas obras, Manuel Lopes foi pioneiro quando lançou *Paul*, em 1932, considerada a primeira moderna cabo-verdiana. Com o aparecimento do seu segundo romance *Os Flagelados do Vento Leste*, de 1960, Manuel Lopes foi consagrado um dos mais importantes ficcionistas de língua portuguesa, pois este romance trouxe elementos do mundo cabo-verdiano.

Como afirma (Margarido, 1980, p. 136):

A profunda capacidade de adesão do romancista deixou-se penetrar pela realidade ambiental, pela problemática de uma terra, a terra agreste, mesmo quando tingida de morabeza é, afastando os elementos amáveis da paisagem física ou humana, preferiu lançar-se nos meandros extensos e ascende de uma realidade feroz, que reduz o homem a uma coisa sem qualificação especial.

A partir desse pressuposto podemos verificar que o autor projeta uma realidade verdadeiramente cabo-verdiana em sua obra.

Ainda no que diz respeito a sua obra (que abre as portas para o modernismo de Cabo Verde), marca um movimento alto da literatura africana, seja na expressão, seja no conteúdo, não esquecendo de uma marca importante na escrita do autor: o modo pelo qual com que as suas personagens são cuidadosamente detalhadas.

O conto “Galo Cantou na Baía”, de Manuel Lopes foi publicado pela primeira vez no ano de 1936, em Cabo Verde. Este foi publicado quando Cabo Verde vivia um momento de busca de identidade literária e o autor utilizou a literatura como expressão do drama cabo-verdiano.

O conto relata a história de *Toi*, guarda da alfândega e mornador. Este passa as madrugadas no porto em seu posto de trabalho, para coibir o contrabando que se configura como uma das principais atividades da ilha por ser escassa de trabalho. Com isso, o contrabando é a salvação para a população da ilha. Um outro aspecto do conto aborda a parte alegre da ilha, a música que é a parte que corresponde à morna. *Toi* era mornador e as suas mornas eram o que lhe faziam ser feliz, pois como *Toi* era o guarda que aplicava a lei corretamente e com salário de fome que ganhava, teria que aplicar multas para ganhar um pouco melhor.

O mar é elemento importante do conto pois é a proximidade deste que faz com que *Toi* tenha inspiração para as suas mornas tão conhecidas e dançadas em todos os bailes da ilha.

Com relação ao conto (Abdala1987, p.142) comenta:

O conto de Manuel Lopes “Galo Cantou na Baía”, constitui-se um dos inumeráveis exemplos que poderiam ser arrolados para discussão de circulação cultural, entre países de língua portuguesa neste conto inaugural da literatura cabo-verdiana, o narrador vale-se analogicamente do nascimento de uma composição simbólica da identidade nacional, a morna para apresentar o nascimento do conto neste país. A manifestação da maneira de ser nação tem, pois como referência a cultura popular oralizada expressa na canção.

Assim, podemos verificar a importância do cabo-verdiano escrever a sua obra, como a realidade da ilha é expressa na obra literária com todo um requinte de detalhes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MORNAS

A morna é uma forma musical de identidade cabo-verdiana. Assim, quando falamos da morna de Cabo Verde, veremos que não acontece em nenhuma outra parte do mundo um fenômeno dessa natureza, um povo inteiro *preso* em absoluto por uma forma de expressão artística.

Na verdade a morna é a manifestação mais generosa e mais inquietante do homem cabo-verdiano. Esta se configura com o expoente máximo da sensibilidade de um povo.

De acordo com (Ferreira, 1985, p. 74):

O cabo-verdiano imprime à morna um expoente máximo de sua sensibilidade do que deixou, que não viveu, do que desejaria ter vivido e ainda de tudo o mais nos estratos profundo do seu subconsciente se agita e desencadeia, em torrente lírica: o amor, a nostalgia e o sofrimento.

Em relação à sua origem tem-se defendido a gênese crioula da morna pois esta expressão musical entrelaçou a alma crioula e tão pronto responde aos apelos emocionais do cabo-verdiano. Na morna, podemos verificar a nostalgia na vivacidade amorosa, na ternura, enfim todos os sentimentos que rodeiam o arquipélago. Gentes, sentimentos, virtudes, drama, solidão são sentimentos que a morna transfigura ao sentimento crioulo, relevando assim um produto de uma raça, uma nação. Assim, cabo verde sem a morna ficaria descaracterizado. A maioria das mornas, dentre as mais belas são de autoria anônimas.

AS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS EXERCIDAS SOBRE A MORNA:

Alguns teóricos falam de uma possível semelhança entre a morna e o fado português, semelhança desmentida por Manuel Ferreira (1985):

O fado embora canção oriunda do Brasil, poderia ter se tornado canção nacional. Mas assim não aconteceu ganhou lastros nos bairros da antiga Lisboa e conquistou outros espaços populares. Nada nos move em geral contra o fado. Mas entendemos que com extrema dificuldade que logrou a recrutar executantes em outras zonas do país. Desde tempos remotos, ele, o povo português, soube encontrar nas suas canções populares o modo da sua expressão virgem. A morna ao contrário cabe a todos os corações cabo-

verdianos, moujejem: em Portugal, na América , no Brasil , em São Tomé, na Argentina, na Guiné-Bissal , no Senegal, na Holanda ou em Angola.

Já a morna e a *coladeira* se diferenciam, pois a morna foi criada antes da coladeira, que teve uma importância recente e veio popularizar-se apenas entre as décadas de 50 e 60 e foi ganhando adesão em bailes, rádios nos programas entre outros.

No entanto, a principal diferença da morna e a coladeira, quer seja no ponto de vista musical, ou no ponto de vista do conteúdo social é diferente, pois a morna vive o amor a nostalgia, o ciúme. A coladeira na maioria dos casos se mostra como sátira social, sátira doméstica entre outros.

Uma definição dada pelo autor Manuel Lopes no primeiro número de Claridade, sobre as mornas:

Na morna expressão musical de um povo, verifica-se a simbiose dos elementos mais díspares de eu compõe essa alma inquieta. A diversidade de aspectos que a morna apresentar desde a saudade, o lirismo amoroso, a sátira mais nortente, a tristeza e alegria cheia de sol que ela traduz, é profundamente sintomática e reveladora. Na morna encontramos dois elementos principais que se subdividem depois de elementos de segunda ordem o apelo da carne, o desejo posse a sensualidade e espiritualismo puro, o devaneio, o amor platônico, a saudade, isto é, de um lado a carne o outro o espírito.(apud,Margarido,1980,p.422).

A morna se configura como um sentimento que perpassa com insistência de dor ou tristeza, mais sempre o amor.

ANÁLISE DO TEXTO

A INFLUÊNCIA DO MAR NO CONTO *GALO CANTOU NA BAÍA*.

Partindo do princípio que Cabo Verde é um arquipélago composto por dez ilhas e cinco ilhéus o mar é o principal acesso da ilha.

Assim como na literatura portuguesa o mar tem um papel muito importante na literatura cabo-verdiana, e principalmente na obra de Manuel Lopes, em especial no conto já analisado o próprio título “Galo cantou na baía”, já traz o mar na palavra baía.

É interessante verificar na passagem abaixo, quando o barco “Grinalda” vem pela baía em direção ao porto:

A boca da baía, na noite sem lua, os tríplices pingos vermelhos do farol rotativo do ilhéu dos pássaros mediam os minutos, os segundos, da mais longa viagem do grinalda do canal. O cúter pairava entre o céu e o mar, entre as estrelas tão tremulas como se estivessem prestes a soltar-se dos engastes, e os seus reflexos fugazes na superfície oleosa, e sem fosforescência, das vagas do calema. (Lopes, 1998.p 20).

Podemos verificar que o mar tem grande importância na obra, pois observando a riqueza de detalhes com que o autor narra o conto, fazendo-nos perceber que seu conhecimento do ambiente fisicamente expressa, por meio da obra que a paisagem, um lugar familiar para o espírito do cabo-verdiano, defronta como se fosse uma personagem.

Um outro momento que analisarmos contempla os elementos marítimos: como a escuridão, o vento.

As trevas da noite ocultavam a humilhação do velho homem do mar que se sentia para evitar que o canal fosse mais timoneiro do que ele – marinheiro do alto bordo com um passado glorioso de mar largo, e que nos seus tempos de flostria, como gostava de bazofiar, chegara a governar tree másters até new bedford, ida e volta, sempre honradamente, e com a segurança quem sabe o ofício eu sentia o cheiro da terra na hora certa punha-me de vigia. Se a creditaram e perguntar, aquela maldita história do encalhe, a única macha na sua vida de marinheiro mas que estragou o resto dos seus dias por causa da maldade dos homens das ilhas, e que já passou desde quando no mundo, foi apenas um azar só próprio da costa do norte da Boa Vista, cemitério de navios que lá está (Lopes, 1998 . p 22).

No trecho citado acima podemos verificar que Manuel Lopes utiliza expressões marítimas e demonstra na sua escrita o sentimento de medo que existe, pois no conto o autor fala da situação precária que existe na navegação, principalmente o medo do mar traiçoeiro.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA MORNA

A morna como expressão musical cabo-verdiana, tem como o principal elemento de seu contexto de produção o sentimento do cabo-verdiano, seja ele de amor, tristeza ou de solidão.

Ao utilizar a morna na construção do seu conto, Manuel Lopes quis dar uma espécie de identidade a sua literatura, pois a morna é um elemento de identidade do cabo-verdiano.

Entremeada com a narrativa, está a morna que Toi constrói e que serve de motivação para aquele guarda de alfândega cuja inspiração o visitava durante a madrugada roubando-lhe horas de sono e doendo “como se dor do parto fora”. Segundo a própria comparação feita pelo personagem. Mas, uma vez nascida a morna, tudo era alegria conforme lemos.

De madrugada Toi não consegue dormir, fica inquieto é assim quando Toi sente que vai começar o processo de criação da morna.

Guarda Toi não tinha sono essa madrugada. Quem ignora que a inspiração tira o sono como qualquer dor? Como ,por exemplo, e segundo a comparação do próprio Toi, a dor do parto. Uma inquietação que ele bem conhecia formigava-lhe o espírito coisa parecida com a inspiração mesmo, uma irreprimível vontade de fazer algo, de se dar . Todo mudo sabia que o guarda de alfândega , toi, era “mornador brabo”, e as mornas que inventava eram dançadas e cantadas com entusiasmo nos bailes nacionais, menos de uma semana depois de nascidas .

Toi tinha uma equipa de propaganda e divulgação bem instruída, composta quase todas de colegas. Morna nova de ti era coisa boa ,”sabe coma mel, para todo mundo”, como gostava de dizer salbânia.A estrada marginal refresca a caixa de pensa. Lá na sua –pois Toi tinha idéias fixas que ele chamava de filosofia- ficará assente que a morna veio do mar.(Lopes,1998. p 15).

Com isto podemos verificar que Toi precisa de todo um ritual para que a morna fosse composta. É interessante analisar como Manuel Lopes narra esse processo com o sentimento de quem conhece a morna e a sua importância para o cabo-verdiano.

Em um outro trecho, fica claro que a inspiração de Toi precisa do mar e como surgia a morna. E a essa temática da poética cabo-verdiana, sempre o mar razão e motivo para lágrimas e festejos, amores e desamores. Sobre seu processo criativo Toi explica a Jack de Inácia:

Foi depois de um baile no Tollentino, na madrugada, durante um passeio solitário para os lados da cova inglesa, com todo o vento do mar a bater-lhe na cara e as ondas fósforescentes ali dois passos reboando na areia invisível, “como Venus, na sua luminosa aparição, parte onda parte mulher... ou meia morna”. Digo e torno a dizer que a morna veio do mar, cada vez tenho mais certeza que toada de morna e toada de mar. Minhas mornas tem um gostinho salgado dizem- pois é lá no mar onde elas nascem que eu as vou buscar...(Lopes, 1998. p16).

As mornas é uma espécie de válvula de escape para Toi , pois como ele guarda de alfândega muito rígido e severo, prendia e multava os contrabandos que chegavam a ilha independente de quem fosse, se conhecia ou não conhecia as pessoas que contrabandiam toi precisava multar, porque além de cumprir a lei ele angariava algum dinheiro, também era um recurso de aumentar sua renda pois ganhará um salário de fome. assim as mornas eram o elemento que fazia com que ele se relacionasse com as outras pessoas da ilha:

Teve então a familiar sensação de que emergia do fundo, como pescador de perola bem sucedido. Desenbaraçando-se de todo esse mecanismo complicado, começou, finalmente a tautear, em voz alta, manejando o braço direito como um mestre de banda.

“sê rosto ê sol de nha tristeza
Nha rosto ê céu que ta variâ:
Se sol bem, ta fazê clareza
Ma só el dxó’m, scuro tapâ...”

Meu deus exclamou Toi, incrédulo como se tivesse no bolso o primeiro premio da lotaria, ou se a ostra tivesse dentro de uma perola a quadra saíra assim inteirinha sem improvisado. Esteve quase a perguntar quem fez? Curvou-se para si á cata de uma lembrança, duma lembrança, duma evocação qualquer. A coisa saíra assim mesmo, já agarrada á música como uma tabua de salvação. (Lopes, 1998, p. 20).

Neste trecho podemos verificar que apesar da dureza que Toi tem na sua função de guarda em nada impede de se sentir-se feliz e compor as suas mornas. Este condicionamento temático também se justifica pelo trabalho por Toi que é poeta diferencia á árdua tarefa de

fiscalizar os deslizes cometidos na cumplicidade da noite e do mar, por elementos que ao arrepio da lei praticam o contrabando

O autor Manuel Lopes coloca aqui um pouco do espírito cabo-verdiano, que apesar de enfrentar adversidades que o ilhéu vive reage aos problemas com esperança e um certo conformismo.

No processo criativo de Toi segunda quadra não saía, Toi ia de um lado para outro mas não saberá porque não consegue terminar a morna, foi quando ouviu o canto do galo, que vinha do *Grinalda* (barco qual transportava o contrabando pela baía),Toi ouvia o canto do galo.

Toi olhou para esse lado,colocou a mão direita atrás da orelha e escutou. Não era no fortim. Veio mesmo do mar .” ahn! Cantar do galo, galo canta na baía !” sonha naturalmente que está empoleirado numa árvore que balança com a aragem. Porto abandonado. É como casa velha, cheia de aranhas e bichinhos vagabundos. Até galo canta na baía! mas é poético. Se fosse rouxinol ou cotovias, temos galo. bem nosso galo, de todos, para quem tem de levantar cedo, para os retardatários . Qualquer um ouve cantar, fica sabendo que amanhã não tarda, o sol vem perto. Toi declama “galo cantou na baía...”, assim mesmo na língua sabe da nossa terra... diacho! de onde vem este cantar de galo., se não tem capoeira para essas bandas?” uma idéia surge-lhe luminosa. Galo cantar na baía. Já e madrugada, sol vem perto ... mas Maria, a sua namorada, é o verdadeiro sol, seu verdadeiro sol. E como ela está ausente, a escuridão continua...vai pensando e trauteando e dançando em pensamento, o rosto encostado no rosto dela. A segunda quadra irrompe inteirinha, numa catadupa de palavras e música.

“já cantâ galo na baía
Sol câ looge de soma
Coma’ m tâ longe de Maria
Scuro tâ continuâ...”

Era a linha dorsal, o eixo. Era o nascimento de Venus. Morna salgada, morna de mar. musica e letra se agarrando no acto de emersão. Radiante Toi caminhou as largas passadas para a estrada, em direção a cidade á cidade. sentiu-se, de súbito reconciliado com mundo. Tudo estava bem, não havia problemas. (Lopes,1998. p 42).

Neste longo trecho está explícito como Toi , teve a inspiração para compor o resto da morna , Manuel Lopes usa todos os elementos mar, solidão, que são característicos das letras das mornas cabo-verdianas. Assim ele consegue expressar no seu texto o verdadeiro sentimento cabo-verdiano pelas mornas.

No conto “Galo Canta na Bahia”, o escritor Manuel Lopes mostra forma de expressar a cultura cabo-verdiana, o seu estado a sua nação, e assim valendo-se da morna para demonstrar a sua cultura crioula, que até então não era difundida nem conhecida nos meios literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se nesse estudo , demonstrar a riqueza da literatura de cabo verde, através da escrita de Manuel Lopes , e a partir disso pontuar a relação do cabo-verdiano com sua terra, a sua nação, seus valores.

O objetivo deste trabalho é discutir a importância do mar para a cultura cabo-verdiana, e o cultivo da morna como expressão identitária do ilhéus, a musicalidade e a poesia do guarda Toi harmoniza-se com o marulho das onda do mar , criando o ambiente de encantamento e a morabeza própria dos cabo-verdianos.

O escritor Manuel Lopes quis apresentar, neste conto, uma nova literatura cabo-verdiana moderna que até então não tinha sido apresentada e difundida nos meios literários, para representar essa cultura ele utilizou do universo de Cabo Verde : o mar e a morna.

Enfim, este estudo trouxe, importantes contribuições para a nossa formação enquanto pesquisadores, ao mesmo tempo que esperamos contribuir para o aumento da fortuna crítica das literaturas africanas de língua portuguesa, e a literatura cabo-verdiana de Manuel Lopes.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Junior Benjamin. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

CHAVES, Rita; MACEDO. Tânia(org). **Literaturas em movimento: hibridismo cultural e o exercício crítico**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

DUARTE, Zuleide. **Áfricas de Áfricas**. Recife: UFPE, 2005.

DUARTE, Lélia. **Encontros prodigiosos** vol. 1. Belo Horizonte: Fale/UFMG;PUC Minas, 2007.

FERREIRA, Manuel. **A aventura crioula**. Lisboa: Plátano editora, 1985.

GADAMER, Hans Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. trad. Marco Antonio Gomes Casanova. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

LOPES, Manuel. **Galo cantou na baía**. 2ed. Lisboa: Editorial Caminho, AS,1998.

MARGARIDO, Alfredo . **Estudo sobre literaturas africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo Edições Ltda, 1980.

GOMES, Simone caputo. **Cabo Verde: literatura em chão e cultura** .Cotia SP. Ateliê editorial,2008.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas** – o Pós-colonialismo e a emergência das nações de Língua Portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.